

**EM TORNO A
UMA CRISE
CLÁSSICA**

POÉTICAS

**SSICA
CRISE
TORNO A**

TORNO A

RISE

SICA

POÉTICAS: EM TORNO A UMA CRISE CLÁSSICA

Na trilha aberta pela chamada para o número atual da revista *Em Tese*, convidamos uma série de poetas brasileiros contemporâneos a refletir – poeticamente – sobre a pretensa situação de crise que as últimas décadas teriam testemunhado no campo da literatura e da cultura de modo geral. Estudiosos e literatos dos mais diversos posicionamentos políticos têm adotado um tom apocalíptico para se referir àquilo que compreendem como um dos períodos de mais profundo mal-estar para quem se dedica aos estudos literários em toda a história dessa disciplina moderna, embora não exista consenso sobre os diagnósticos e os prognósticos desse mal-estar.

Suscitando questionamentos relacionados à existência ou não de algo que poderia ser entendido também como uma espécie de crise no interior da produção poética brasileira mais recente, buscamos ouvir as reverberações desse tipo de preocupação nas obras de alguns dos mais ativos e criativos poetas neste Brasil de 2019. Alguns nomes já são incontornáveis para quem se interessa pela produção poética contemporânea nacional; outros começam a figurar em livros e antologias recentes, dando sinais da importância que suas obras e reflexões ainda firmarão em nosso horizonte intelectual. Dentre os convidados que nos deram a honra de atender ao nosso chamado para contribuir com

seus poemas estão: Age de Carvalho, Ana Martins Marques, Bruna Kalil Othero, Carlos Ávila, Daniel Arelli, Dirceu Villa, Guilherme Gontijo Flores, Júlia de Carvalho Hansen, Júlio Castañon Guimarães, Laura Cohen Rabelo, Leonardo Fróes, Marcos Siscar, Mônica de Aquino, Paulo Henriques Britto e Thais Guimarães.

O leitor certamente notará a pluralidade de posicionamentos que se delineiam no tocante à questão que esses artífices da palavra foram convidados a tomar em consideração. Tais posicionamentos são individuais, pessoalíssimos, e – não raro – apresentam tensões e contradições profundas com relação aos outros que compõem esta mesma antologia. Eventualmente, emergem tensões e contradições no interior dos poemas de um mesmo autor. Assim sendo, qualquer tentativa de síntese estaria desde o início inevitavelmente fadada ao fracasso. Por isso, prescindimos da busca por unidade de sentido ou coerência na organização desse conjunto e – assumindo o mais arbitrário dos critérios, mas talvez por isso mesmo o menos parcial deles – resolvemos dispor os poemas aqui segundo a ordem alfabética dos nomes de seus autores. Dos nomes, não dos sobrenomes. Assim acreditamos ter evitado a acusação de parcialidade que outros critérios organizacionais (como afinidade temática, estilística ou geracional) pudessem vir a suscitar.

As vozes aqui reunidas oferecem um rico e complexo panorama das possibilidades de compreensão do que temos chamado de “uma crise clássica”. Por mais dissonantes que elas possam se mostrar no interior desse coro polifônico e sem regente, contudo, tais vozes trazem um testemunho importante sobre as dificuldades, desafios e conquistas compartilhados por quem vive este conturbado ano de 2019. Que não se esperem melodias otimistas, nem canções alvissareiras, pois o rumor que daí se levanta é um reflexo de tempos sombrios: cacos de silêncio, sombras de sonho, ossos talvez de um quase remorso. Muitas vezes, sussurros só.

Antes de dar voz aos próprios poemas, contudo, apresentemos cada um dos poetas aqui presentes...

*

Rafael Guimarães Tavares da Silva
(organizador)

AGE DE CARVALHO, poeta, nasceu em Belém (1958). Organiza desde 2015 a reedição da poesia completa de Max Martins, planejada em 11 volumes (dez deles já publicados, ed.ufpa), da qual é o responsável também pelo projeto gráfico. Seu atual projeto é o livro de poemas *De-estar, entrestrelas*, com a produção a partir de 2015. Suas publicações (todos títulos de poesia) são as seguintes: *Arquitetura dos ossos* (1980), *A fala entre parêntesis* (em parceria com Max Martins, 1982), *Arena, areia* (1986), *Ror: 1980–1990*, (poesia reunida, incluindo o então inédito *Pedra-um*, 1990), *Caveira 41*, (2003), *Seleta* (antologia poética, 2004), *Trans* (2011), *Ainda: em viagem*, (2015), *Age de Carvalho: toda-vida, todavia* (organização do autor e Mayara Ribeiro Guimarães, 2018). Em 2006 é publicado *Sangue-Gesang* (“Cantos do sangue”) na Alemanha, uma antologia de sua poesia traduzida por Curt Meyer-Clason. Os poemas publicados no presente dossiê da *Em Tese* são do livro *Ainda: em viagem*, (2015).

NÃO É MAIS
o-ir-ao-rio
de Heráclito, o semprenovo
repetido Banho no inédito,
nem o mato fechado do esquecimento
quando te voltas, leve
roçar na nuca,
o capim inclinado. É outra coisa.

Minha velha estrela
cansada — e ainda, luz.

Pela janela do trem
a paisagem, um instante
madeira e neve
na tora marcada, quadrado
branco enfeixando o número
vermelho, pilhas delas
sobre a neve.

Querem dizer alguma coisa,
existem para ti, não sabes.
Aguardam transporte —
como tudo,
um sinal, salvação.

ATRAVESSANDO
o último dia do ano,
tapada a concha
do ouvido,
atado a todos
os Novedefevereiros
dor-
avante:

serás
eu e eu
serei a
sirena,

dizes,

assim ficamos
acordados.

UM JACINTO, Cy-
púrpura
untitled, esmagado,

uma mancha
rosa (Safo)
pisada no chão
raso
do branco.

EU, INTIMO-ME
a reconhecer-

(em ti, contigo
em viagem — nós,
dois faróis na estrada
farejando a escuridão luxuosa,
abolido tempospaço
à visão da grande nebulosa:
tu, era eu-todo-estrelado,
o céu, espelho)

-me em
mim-mesmo.

ANA MARTINS MARQUES nasceu em Belo Horizonte em 1977. É formada em letras e doutora em literatura comparada pela UFMG. Publicou os livros de poemas *A vida submarina* (Scriptum, 2009), *Da arte das armadilhas* (Companhia das Letras, 2011), *O livro das semelhanças* (Companhia das Letras, 2015), *Dois janelas* (com Marcos Siscar. Luna Parque, 2016), *Como se fosse a casa* (com Eduardo Jorge. Relicário Edições, 2017) e *O livro dos jardins* (Quelônio, 2019). Uma antologia de seus poemas acaba de ser publicada em Portugal, pela editora Doua Correria, com o título *Linha de rebentação*. Os poemas publicados neste dossiê da *Em Tese* são inéditos (com versões anteriores divulgadas no Facebook).

PROSA (I)

Num evento literário
a romancista conta
que tinha sido casada com um poeta
eu passava anos trabalhando num livro
ela diz
todo o tempo
muitas horas por dia
pensava nisso
o dia inteiro
falava nisso
quase o tempo todo
fazemos juntos uma viagem
curta
ela diz
ao final dela
ela diz
ele tem um livro

Num ensaio sobre Marina Tsvétaiéva
Joseph Brodsky diz
que ninguém sabe o que perde a poesia
quando um poeta se volta para a prosa
mas é certo que a prosa
ganha muito

Afinal a poesia
– a imagem também é de Brodsky –
é aviação
e a prosa, infantaria

Na livraria
quando pergunto
sobre a estante de poesia
o livreiro aponta para baixo
e diz
os livros de poemas ficam ali
perto do chão

Tudo isso foi dito
em prosa

PROSA (II)

Ao que parece a poesia
acabou. Algumas coisas porém
morrem muito lentamente
como morrem as pessoas
nas óperas.

A mim me agrada não chegar ao fim do papel
o modo como a linha se interrompe brusca e
e surge então o branco na página
como uma pequena praia.

É como se as palavras caíssem subitamente
para a linha seguinte
e não fossem se encaminhando resignadas
até o fim da folha
como se impelidas por piratas.

Valéry dizia alguma coisa bonita
sobre escrever em prosa ser como caminhar
e escrever poemas ser como dançar.

Dançar não parece o jeito mais inteligente
de se locomover. Gasta-se muita energia,
e permanece-se em geral mais ou menos
no mesmo lugar.

Voltar, dar voltas – dançar parece ser
sobre isso. Também no poema a palavra
retorna depois de cair.

Quando leio prosa quebro-a
como se fosse um poema.
Quebro-a e retiro palavras para criar
espaços no meio.
Como certas crianças quebram
os brinquedos que mais amam.
Para ver do que são feitos.

PROSA (III)

Uma frase que para de funcionar no meio se torna um verso,
uma frase que sofre um curto-circuito se torna um verso,
uma frase que racha pelo muito uso se torna um verso, uma
frase que adormece no meio da viagem se torna um verso,
uma frase que se cansa no caminho se torna um verso,
uma frase que como uma personagem de um filme musical
subitamente se põe a cantar se torna um verso. Uma mão
faz sombra sobre a página e uma frase se torna um verso.
Alguém interrompe subitamente a leitura e uma frase se
torna um verso. Várias coisas que não se podem dizer cosidas
umas às outras. Uma frase que enverga como uma estante se
torna um verso. Quando começa a escurecer numa página,
os pequenos pontos de luz intercalados a intervalos escuros.
Quando alguém canta muito longe. Uma frase que se enche
de buracos como uma rua esquecida pela municipalidade se
torna um poema.

BRUNA KALIL OTHERO (Belo Horizonte, 1995) é poeta e pesquisadora, autora dos livros de poesia *Anticorpo* (2017) e *Poétiquase* (2015), além de ter organizado as coletâneas *A Porca Revolucionária: ensaios literários sobre a obra de Hilda Hilst* (2018) e *Poéticas do devir-mulher: ensaios sobre escritoras brasileiras* (com Constância Lima Duarte e André Magri, 2019). Atualmente, cursa mestrado na UFMG.

não é mais possível ser clássico. não
se consegue mais
criar escritores inventar
um cânone. simplesmente não
e não. hoje todos temos redes
sociais somos livros abertos (acabou-se
o mistério). não
posso ser clássica porque antes de dormir
passo creme nívea na cara
e me masturbo em silêncio. não
podemos ser clássicos porque corremos
atrás dos ônibus entre os carros
compramos mexericas descascadas queijos
fatiados. porque compramos. não
existe mais o clássico. o cânone.
tudo está morto. é hora
de reinventar.

não é mais possível ser clássico porque
escuto villa-lobos no meu fone de ouvido da JBL
apenas para abafar o latido incessante do
cachorro
do vizinho. não é possível
ser clássico
porque odeio cachorros.
(que porra de autor clássico odeia
cachorros? nenhum,
naturalmente.)
não é mais possível
ser
nem não ser.

*Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas.*

Manuel Bandeira

nunca foi possível ser clássico.
a diferença é que
antes
eles tentavam.

nunca foi possível ser clássico porque
ninguém escreve pensando “eu vou ser clássico”
ou escreve pensando “ler-me-ão daqui a 100 anos”
ou escreve pensando “preciso fazer uma obra suficientemente contemporânea para ser rico & famoso mas também suficientemente misteriosa para criar uma lenda em torno de mim & resistir pela eternidade literária imortal como um autor-conciliador-que-consegue-dialogar-simultaneamente-com-as-massas-e-com-a-academia”
ou escreve pensando

poiesis

pérolas
jogadas
aos porcos,
dizem os livros.

mas há um problema, eita nós:
oinc oinc.
o cânone está morto.
não quero a pérola.
quero o porco.

CARLOS ÁVILA nasceu em 1955, em Belo Horizonte (Minas Gerais), onde vive – é poeta e jornalista. Publicou os livros de poemas *Aqui & agora* (1981), *Sinal de menos* (1989), *Bissexto sentido* (1999), *Área de risco* (2012) e *Anexo de ecos* (2017). Também publicou o volume de crítica *Poesia pensada* (2004) e um livro infantil: *Bri Bri no canto do parque* (2012). Foi editor do Suplemento Literário de Minas Gerais e participou de mais de vinte antologias no país e no exterior, entre elas, *Nothing the sun could not explain – 20 Contemporary Brazilian Poets* (Los Angeles/EUA, Sun & Moon Press, 1997; 2ª edição: 2003). Seu poema “Mais uma vez” foi musicado por Gilberto Mendes e “Obstáculos” por Willy Corrêa de Oliveira. Ávila esteve presente em diversos encontros e seminários, trabalhou em televisão e editou publicações. Colabora em jornais, revistas impressas e *on line*. Segundo Haroldo de Campos, Ávila “se mostra capaz de pedra grossa e lavra fina. Construção rigorosa sensibilizada pela emoção; uma emoção que se filtra no constructo material das palavras como água de fonte em poros de rocha”.

POETRY: THE WORD I AM THINKING OF

& não será
 a poesia
 (femme fatale)
 apenas uma palavra
 dentro de outra palavra
 que não quer dizer nada
 & não será
 a poesia
 (femme publique)
 apenas a migalha
 dentro de outra migalha:
 fogo de palha
 & não será
 a poesia
 (femme de chambre)
 apenas o ar assoprado
 por um aloprado
 no ouvido do olvido
 & não será
 a poesia
 (femme grosse)
 apenas o resto
 de um almoço indigesto
 entre convivas no inferno
 ?
 o que será
 (une femme: infame)
 será

BAUDELAIRE SOB O SOL

o sol
(a ser adjetivado:
im-pla-cá-vel)
descorou a capa
de um volume de baudelaire

as flores do mal
(descubro)
não resistem à lenta
violência do sol
(sol de boca-de-sertão
que estorrira o solo?)

também
quem mandou
colocar a estante
nesta posição:
o que estaria baudelaire
(em efígie gráfica)
fazendo no sertão?

se as flores do mal
não suportam o sol
(repondez baudelaire)
resistiriam aos punhais
do óxido e do sal?

RUA OUTONO

na rua outono
(rua d'antanho
com árvores
impressionistas)
vivem todas
as estações do ano

ali
o poeta pedestre
(pareil à la feuille morte)
segue ao vento
sem metro
ou mestre

a rua
(suas extremidades curvas)
propõe um teorema:
é uma presença
feita de ausência
um anti-tema

& no entanto
aqui se inscreve
(passagem obrigatória)
como reles retórica
no rascunho semiótico
da cidade

na rua outono
(rua de estranhos
com ares
impressionantes)
morrem todas
as ilusões do ano

RENDIDO

rendido
na teia
cortante
do tédio

limado
na trama
oculta
do limbo

consumido
na câmara
escura
do equívoco

sufocado
a ferro e fogo
até perder
os sentidos

DISPLACED

torto
(errante)
de dentro
para fora

à deriva
na página
e em toda
parte

(escrita
em adiantado
estado de
decomposição)

torturado
nos ângulos
agudos
da forma

OUTRA VEZ

outra vez
nenhuma
mensagem
nova

apenas
ruídos
itens
excluídos

(línguas
ininteligíveis
nas linhas
inimigas)

o ríspido
ocupa
o lugar
do lírico

DANIEL ARELLI (Belo Horizonte, 1986) é doutor em filosofia pela Universidade de Munique e pesquisador de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG. Seu livro de estreia, *Lição da Matéria*, foi vencedor do Prêmio Paraná de Literatura de 2018 (categoria Poesia). Tem poemas publicados nas revistas *escamandro*, *gueto*, *Pessoa*, *Ruído Manifesto*, entre outras.

TEORIA DO RASCUNHO

1.

A poesia é basicamente uma moenda

o que passar
se passar
torna-se poema

2.

A poesia sobreviverá

nas mensagens instantâneas
nos erros do corretor automático
no autocompletar das buscas
até mesmo nas caixas de comentários

desde que nunca a chamemos pelo nome
desde que nunca a escrevamos

3.

A antipoesia, se triunfasse, trinfaria

mas isso seria demasiadamente épico
a antipoesia sequer conhece vitórias
a antipoesia neutraliza seus adversários
lançando-os numa câmara de gelo

4.

Não tente encaixar o poema na forma

deixe que ela escreva o poema
observe-a de longe como a uma respeitável desconhecida
ocupada com algum afazer exótico
e ancestral

5.

Nesta alquímica manhã de verão

em que o ruído de uma britadeira
parece compor o cenário ideal
para um poema ou uma revolução
pego régua, esquadro e compasso
um folha de papel almaço
e olho atentamente para os lados
tenho um plano – o que pode dar errado?

6.

Um bom poema

se reconhece pelo corte do verso
às vezes sequer é preciso ler o poema
pelo corte do verso sabemos se é bom
como ele corta ora uma sentença ora uma palavra
como ele ao mesmo tempo corta
e é aquele corte
o poeta está portanto mais próximo
do alfaiate
e do açougueiro
do que do filósofo

DIRCEU VILLA. DIRCEU VILLA (1975, São Paulo) é autor de 5 livros publicados de poesia, *MCMXCVIII* (1998), *Descort* (2003, prêmio Nascente), *Icterofagia* (2008, ProAC), *Transformador* (antologia, 2014), *speechless tribes: três séries de poemas incompreensíveis* (2018) e *1 inédito, cou-raça* (2017). É tradutor de *Um anarquista e outros contos*, de Joseph Conrad (2009), *Lustra*, de Ezra Pound (2011) e *Famosa na sua cabeça*, de Mairéad Byrne (2015). Escreveu ensaios sobre poesia contemporânea e revisão do cânone de poesia de língua portuguesa. Foi o curador da exposição de livros de Ezra Pound, a Ezpo, da biblioteca de Haroldo de Campos, na Casa das Rosas (2008). Organizou uma antologia de poetas brasileiros contemporâneos para a revista *La Otra*, do México, em 2009, e escreveu apresentações para obras de Stéphane Mallarmé, Charles Baudelaire, Christopher Marlowe, além de autores contemporâneos, como Alfredo Fressia, Fabiano Calixto, Ricardo Aleixo e Jeanne Callegari. Foi convidado para o PoesieFestival de Berlim em 2012 e em 2015 foi escolhido para residência literária em Norwich e Londres, promovida

pelo British Council, a FLIP e o Writers' Centre Norwich. Participou também do Festival Internacional de Poesía de Granada, na Nicarágua, em 2018, e do Festival Policromia Poetry & Co., em Siena, Itália, 2019. Sua poesia já foi traduzida para o espanhol, o inglês, o francês, o italiano e o alemão, publicada em antologias ou revistas especializadas. Tem doutorado em Literaturas de Língua Inglesa pela USP (com estágio de doutorado em Londres), estudando o Renascimento na Inglaterra e na Itália, e pós-doutorado em Literatura Brasileira, também da USP, revisando o cânone de poesia de língua portuguesa. Ensinou literatura na pós lato-sensu da Universidade de São Paulo (USP), na graduação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e é há cinco anos professor da Oficina de Tradução Poética da Casa Guilherme de Almeida (Centro de Estudos de Tradução Literária).

FAÇAM SUAS APOSTAS

[A BURROCRACIA DAS LETRAS]

desbastar do crânio
toneladas de palavras:
 quem tem tempo pra lamúrias
 que coma suas mil larvas;
enquanto penteio palavras
a contrapelo,
 vinte inválidos palermas
 contam favas;
mas trouxe maçaricos,
lança-chamas
 e o belo incêndio que verão
 engolirá os trapaceiros
de plantão;
“crises”, direi, “como no almoço;
 coveiros literários,
 sepultados com seus ossos”.
ler livros que não passam
de farrapos?
 ou reunir, numa feira de acepipes,
 velhos trapos?
quantos dormem
aturdidos pelo vento

— uma existência miserável?
a estátua patética e grotesca
de anhangüera bandeirante,
com merda na cabeça
em pé no trianon?
não despertarão
do sono estético de estante?
o merencório de janela, de anestésico
que compra com a dor
em liquidação,
oscila entre o verso
ou algum outro remédio
da emoção.
“poeta bom é poeta morto”
diz o lema da crítica, política,
ano um.
desentoca aquela mítica
fúria, alecto velha e cancerosa
que invade venenosa
o labirinto da memória.
mas mesmo diante
dos macacos:
cego, surdo e mudo,
a poesia vive

e não requer escudo pra batalha,
a despeito de paspalhos
e outras tralhas.
os estados unidos do brasil
gostam de remendos
na velhíssima antigualha
sociopatológica de ocasião,
por isso a inapetência
não descreve
a história dos costumes
engessados em fardão;
críticos-poetas de sala de estar:
mentes com picotes
de onde destacar.

CHELSEA MANNING

só você pode, lucidamente. note os cães
de patas cruzadas: neles se move primeiro
a ponta das orelhas, e a cabeça pondo em
direção olhos e faro. detectam algo no ar,

erguem-se nas patas, farejam, começam a
rosnar. seu corpo vai se tornar um trevo,
nova invenção de nome ainda aéreo, seus
membros se mudam, o mundo deve mudar.

mas demora: agora, só cães que querem te
partir em mil pedaços, novo deus agrário,
nome divino dos astros, da nova aventura?
como viver outro sexo, tirésias, ou fugir à

força do assédio, dafne? como cobrir a pele
frágil contra tanta agrura, actæon? a receita
que rasga a todos, pune ausência no sacrário,
hermes, afrodite: que você lute, que você fique.

A VELHA HISTÓRIA

eles estão todos velhos

[eu, sobretudo perplexo]

já estão velhos quando jovens,
comem sua comida industrial, ouvem
falsas notícias que acabam de sair na máquina
dos velhos comunicadores em conserva

adoecem com o trabalho
acreditam no amor medieval da igreja
e fingem acreditar no dos trovadores, sem ter lido
a bíblia ou os trovadores

encomendam filhos à cegonha
ou à lebre e nascem mais e mais crianças
para a interrogação
a que não sabem responder
com pergunta melhor

estão velhos e sorrindo
da piedade que o mundo mau
— condescendente todavia —
lhes concedeu de agasalho, dinheiro
comida e companhia

há os medrosos

[eu, sobretudo disperso]

velhos, jovens e precipitados, eles temem e tremem
criam confortos presos em correntes
para não fugir, catálogos prévios de eu
e você, de como e o quê
perder

um brinquedo que acionem
e lhes faça a todos as vontades

guardam os outros em caixas
para sair no dia de presentes ou para encantar
uma noite especialmente morta
ou um amor já murcho, em forma de mero calor de cobertores

sentam-se sobre a vida e olham as folhas
a amarelando, essas folhas tolas de vida curta
que amarelam e caem: por que se mover?
ou por que em nome de deus não ficar quieto
e sossegar de uma vez por todas?
te perguntam

[eu, sobretudo submerso]

A INVENÇÃO DA TOLERÂNCIA

TOUS LES HOMMES SONT FRÈRES

puseram-lhe a peruca espargindo talco em pó,
apertaram o redingote de brocados
e lhe calçaram um *soulier à boucle* delicado.

pronto e com os braços já cruzados
na altura da cintura em suas costas,
olhou pela janela com os livros que já lera,
alguns deles em latim, para respostas.

“sábios hindus banhando-se no ganges,
a cerimônia japonesa serve o chá civilizado,
notável a cabala do judeu em letra e dígito,
medicina e armas maometanas, o outro lado:

vejo tudo do jardim com essas plantas
divididas em harmonia, e com razão.

eu firmo agora os pés nesse universo,
eu domo a vida com a guerra, a régua e o comércio
e cedo a todo estranho essa palavra, um novo berço”.

GUILHERME GONTIJO FLORES (Brasília, 1984) é poeta, tradutor e professor de latim na UFPR. Autor da tetralogia poética *Todos os nomes que talvez tivéssemos* (*brasa enganosa*, *Tróíades*, *l'azur Blasé* e *Naharia*), *carvão : : capim* e *História de Joia*. Traduziu *A anatomia da melancolia* de Robert Burton, *Elegias de Sexto Propércio*, *Safo: Fragmentos completos*, entre outros. Escreveu em parceria com Rodrigo Tadeu Gonçalves e fotos de Rafael Dabul o ensaio *Algo infiel*; é coeditor da revista-blog *escamandro* e membro do grupo Pecora Loca, dedicado a poesia e(m) performance.

Se adensadas em treva,
espessas boca adentro,
decaem em pleno peso,
feito pedras e hoje feitas
coisas as palavras vêm
negar o mundo que antes
apontavam, o mundo que
fundavam a cada instante
em nossos dedos & dentes,
entornadas entre cantos,
pedras, papéis ou paredes;
se agora são elas próprias
as coisas em recusa ao
nosso índice interminável
da velha significância,
e então pendem feito frutas
em nossos peitos, podres
que nem jacas, ou moles
como o lodo ali colado
naquelas cascas mortas
de outro termo outrora
utilizado; se depenam
as práticas mais fáceis;
se colidem numa linha
reta umas contra outras,

assignificantes, assinando
a própria estada parca,
a forma da clausura
em si, com cerca própria;
se feitas seixos novos
varando os nossos olhos
deitadas pela gravidade,
se voltam contra donos,
e mordem-nos os braços,
pernas, e enfim dilaceram,
feito faca, feito bala
peito adentro, feitas
talho dentro do crânio,
seria algum remédio
colhê-las, desmembrá-las
em lascas sobre a língua,
aprumá-las sob o céu
da boca e alinhá-las
uma a uma entre os lábios,
formarmo-nos, fazermo-nos,
assim soprando densas,
espessas treva a fora,
cuspi-las em sequência,
moldarmo-nos metralhadoras?

MINAS

1

O pé vai delicado na estranha plantação

tateando o invisível

procurando

ausências

até que numa beira um clique

indica

— vida de morto e carne

perfurável de vida —

a hesitação de ser o que se explode

abaixo

em base

e fim

acha uma

mina

2

A dispersiva
a delusiva

forma de vida
a mesma sina

a todos dada
sem cor ou cara

a cristalina
e democrática

força da mina
a todos dada

a cada dia
em cada escara

tudo termina
tudo estilhaça

e algo maquina
quando ela para

3

Pisá-la é o que é o caso
molde mutável do mundo
na morte dos modos

parado segue vivo
e mais um passo
os membros todos

fazem boneco roto
existe estanque apenas
rastros de um vivo-morto

4

São lascas de metal que cruzam tudo
a pólvora contida sob a terra
subindo passo a passo pelos ossos
no isqueiro desta sola que a encerra

planta do pé rasgando panturrilha
um breve instante e se descola acima
juntas tendões que implodem sob a chuva
atrás do céu dispara sua sina

de sangue e mijó e tripas terra e grama
expande a cena lenta um paraíso
os olhos num instante a mais projetam
são fogos de artifício em solo liso

se corpo afora os dentes dedos tudo
depois do estrondo esparsa fica muda

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN (São Paulo, 1984). Poeta e astróloga, é autora de *cantos de estima* (edição de autora, 2009; Douda Correria, 2015); *alforria blues ou Poemas do Destino do Mar* (Chão da Feira, 2013); *O túnel e o acordeom* (não edições, 2013); *Seiva veneno ou fruto* (Chão da Feira, 2016). Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Os poemas publicados aqui pela *Em Tese* são os seguintes: “XV” in *alforria blues ou Poemas do Destino do Mar* (2013); “A importância de ser ninguém” in *Romã* (no prelo); “Os livros são de natureza...” in *Seiva veneno ou fruto* (2016); “Leitor” in *Romã* (no prelo).

XV

Vertigem viva a raiz vigia
magia! Que já não tenho mais
como dizer sem nós nos dedos
é Ana — assumo
quem me ensina
a nascer

de novo, dançar de amor,
até sem ti, menina errada,
Ana do riso

teu risco
foi discernir, diferir
embriagar a autoridade de espelhos
coração sem periferia, cansa
Tanto que definir
azul
várias vezes te escape
azul
mulher
partida
coisas que nos combinam
em gesto. E regresso.
Embora — cada vez mais — eu goste
de branco
e vermelho
de homem. t

Meu verso é nossa declaração.

Ana, menina altera,
toma a minha boca, fera,
fere pelos dedos
o tempo em que fazias destas comigo.
Hoje eu, toda latifúndio do meu campo,
Se temo, travo no bolso o trevo que tenho
mastigo entre os dentes.
Me digo: caminha, anda.
Anda com Ana a errante
entre os dedos dela: canta!

Tua ausência fertiliza
o importante
É não baixar a cabeça
nem erguer demais
os gritos por dentro
Nem são indiferentes
erros e acertos, Ana
nossa!
se pudesse te embalava
a revolta pra fora.
Como numa fossa
acende o fumo

na vitrola dá a corda
se toca
talvez a agudeza de tudo
talvez a agulhada de tudo
não era pra deixar tão só.
Não sejas tão tua
viga de uma figa

Ana agitada
viva! Dans mon île
seja minha bossa
sem tontura, dança?
Salsa ou valsa
dá banana!
pra tortura que é do mundo
Nossa resposta passa variada
agarro quanto possa a varanda
porque também, Ana seja!

Eu voo! por ter te escrito.

A IMPORTÂNCIA DE SER NINGUÉM

Ninguém furou meus olhos.
Ninguém nunca me tratou assim antes
com a ponta da lança no fogo
afiando nos meus olhos
a fúria dos dias elétricos
nos rompantes e nos bondes
é importante ser ninguém
pra poder ser cavalo
você tem que ser ninguém.
Ninguém faz uma dessas comigo.

Ninguém é seu amigo ou pode passar discreto
quando não há sombra no meio do abismo.
Mesmo Ulisses tinha às vezes um barco
mas ninguém por um instante foi
capaz de dar um salto e quebrar uma perna no espaço
respirar no pulmão de uma estrela não é pra qualquer um
nem a própria estrela teria a capacidade de ser
ninguém
é o astucioso
capaz de conhecer o real da realidade
e sobreviver. Lúcido, inaparente e imutável:
ninguém. Ninguém não é um gigante.
Mas eu me curvo a ninguém.

Quando ninguém olhar para a minha mão esquerda
não verá a direita
dentro do bolso
pois os dias estão frios.
Não há ninguém nas ruas depois de certa hora da noite
é agosto e neste hemisfério ninguém morre aos montes
— trata-se de uma ironia o verso anterior
e como toda ironia foi ninguém que a colocou aí.

Não fui eu quem disse
foi tantas vezes dito que já foi por ninguém
é importante dizem os autores que o autor seja ninguém
eu autora disto aqui trabalho como ninguém
fico zonza feito
ninguém
nunca me deixou assim antes
enquanto eu sobrevivo
eu reconheço eu esqueço
eu fumo
o desprezo o nojo a inveja
a euforia a imaginação o tesão
se recombina nas bases capilares do meu pulmão
fragmento de estrela luminosa
muco aversão à lactose amor pelo chocolate
banho de oliveira rosa branca tomilho
tomada pelo anjo

Maria foi fecundada
não sei por quem
mas acho que não era
ou era
ninguém.

Ninguém devia mexer com isto assim.
Você, ninguém
poderia ter nascido outro.
No entanto ninguém existe.
É importante, tem uma voz.

[Os livros são de natureza...]

Os livros são de natureza mineral.
Alguns bebem-se outros se proliferam
como água. Outros pedra, não fruta
rocha de onde brota a tua pele.
Passa por cima uma formiga.
Há capins vibrando
vento e sol com sombra
o musgo cresce, um mosquito
entra na tua boca e você cuspiendo
cai na água que alguém
numa cidade adiante
distante, talvez
sem mágoa
vira a página
bebe.

LEITOR

Amo ao máximo o jeito de repente brusco do poema
uma folha que encontro caída onde o vento não a levaria
foi o gato no dia seguinte à ayahuasca com o real interesse
de comprar flores para oferecer simplesmente à escrivaninha

Depois me fascinei pelo jeito meio de quem cresceu
vendo os irmãos jogarem Tétris e aprendeu a encaixar
o cerne de cada coisa no seu próprio quente difundido.
Fiquei em silêncio até ouvir.

Ouvi do cerne das conchas: nosso amor é espiritual
dá pra enrolar a língua nos cavalos de dentro do ouvido.
Foi aí então que encontrei um estilo. Estava
desvairadamente louca pelo encaixe das sílabas no mar.

No mar eu tive de me recriar.
A coisa mais antiga que eu já vi no mundo
não foi o Louvre nem a Unesco que me mostrou.
Foi um canyon de corais vermelhos no mar da China.

Falei de plantas até me tornar luz
tive a morte nas minhas mãos.
Hoje estou fascinada por vídeos de foguetes em ignição
o jeito que eles sobem contrariando a imaginação.

A maneira nítida e atritada de lidarem com o céu.
É uma lição de inspirar coragem no mundo.
Não sei se gosto mais dos que atingem a atmosfera
ou dos que explodem e falham sem conseguir.

Sempre me impressionou a capacidade das palavras surgirem
e com o tempo passei a empilhá-las
só pra vê-las brilharem ou envelhecerem
como um rosto, um jornal ou os amigos da escola.

A vida segue tranquila até que uma virada shakespeariana.

Tô tipo me sentindo
um antiquário do pranto.
Para de fazer piada.
Eu tô com quebranto.
O que é isto, rapaz?
Você todo vigiado
me olhando.
Não sei
se te decifro
te revigoro.

A metafísica interpretativa das sensações tem olhos
e contorce o corpo todo aberto na Via Láctea

deve haver um lugar melhor pras nossas línguas.
Quis ter a tua orelha — os teus olhos — aos teus pés —
a minha voz. Toda crítica e derramada.

Reprimi o uso de tanto que causei certo alarde nas redes
vítreas sociais em que eu me afogo com o propósito
de que você veja e não veja que da próxima vez
da próxima vez em que eu for te ver
vou vestida com um colar de alhos
pendurado no pescoço.

Além dum aroma picante
não sei o que há entre nós
se é só uma nódoa, um anzol
ou meu velho hábito
de me meter em maus lençóis.

Me envolvo toda na fibra.
Faz pouco tempo
achei os amuletos certos
pra minha mesa de trabalho.
Se eu te escolhesse um nome
seria linho ou algodão.
Você teimava na gaveta.

Como pude perder o ritmo
forçar o enjambement
pra cima do nível do aceitável
me fazer sibilante e sinuosa, exagerar
nas analogias, assonâncias e ser toda
como se vulcões de lava
lavassem os fios dos teus cabelos.

Os ritos do encantamento e da maravilha
estudei e delirei, previ e até movi
montanhas pra te fazer de meu
alimentei na boca as manias da beleza.

Tive os dígitos mordidos
chaves entre as coxas
e a promessa de chupar até abrir
os cadeados entre os teus dentes
escondem a verdade e o sentido.

Te deixar
ciumento farejando
a minha sabedoria
é saber a vida.

A vida é um eterno dar biziu
curto-circuito ou tilt
nas faíscas do dia a dia
espero um dia dar em clarão
pé de romã tomando um sol
nítido e manso e morno.

JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES (1951). Sua poesia foi reunida no volume *Poemas 1975-2005* (Cosac Naify, 2006), a que se seguiu o livro *Do que ainda* (Contracapa, 2009). Publicou também os seguintes livros de crítica: *Territórios/conjunções – poesia e prosa críticas de Murilo Mendes* (Imago, 1993), *Por que ler Manuel Bandeira* (Globo, 2008) e *Entre reescritas e esboços* (Topbooks, 2010).

ENTÃO, E CINEMA

1
no correr do tempo
em que se vão embaralhando
as cenas como os fios
das tramas emaranhadas

e inesperados todos os personagens

ou quando: desconecte-se o texto da imagem

tudo mostra de que jeito o que está ali
são peças a que sempre só falta as concatenarmos

2
as narrações parece que um dia tendem a se desfazer

3
o movimento de um deslocar-se pelo quadro

mas se uma névoa invade toda a imagem
e cinzas sob cinzas nos ensinam a indistinção

então a hipótese de uma linha do deslocamento
que atravessa a cena o silêncio da cena
e se enterra memória adentro

ENTREDIAS

de
 um dia
 a
 outro
 se algum se nenhum se qualquer
 fragmento do que ora lavramos ora
 abandonamos - com desvio e cotidiano e
 imaginação e entulho e evidência e -
 entrasse de fato na composição
 desse projeto de calcular
 um espaço puramente arbitrário
 sem
 nem um
 só
 dia

LAURA COHEN é escritora. É formada em letras e mestre Estudos Literários pela FALE/UFMG. Publicou os romances *História da Água* (Impressões de Minas, 2012) e *Ainda* (Leme, 2014) e *Canção sem palavras* (Scriptum, 2017) e o livreto de poemas *Ferro* (Leme, 2016). Foi vencedora do segundo prêmio de literatura Universidade Fumec, em 2011, e em sua edição de 2009, obteve o terceiro lugar, publicando nas duas edições da coletânea *Da Palavra à Literatura – Narrativas Contemporâneas*. Faz parte da coordenação do selo Leme da editora Impressões de Minas e em 2019 participa do circuito Arte da Palavra do SESC. O poema aqui publicado, *Escrever é uma maneira de se pensar para fora*, saiu pela primeira vez em formato de zine pelo Selo Leme em dezembro de 2018.

ESCREVER É UMA MANEIRA DE PENSAR PARA FORA

Angélica Freitas me disse
que tem muita vontade
de aprender grego Eu disse
a ela que estudar grego
me fez entender a diferença
entre o que é útil
e o que é inútil

Tivemos essa conversa
junto a um amigo que é
professor de grego e que
escreve poesia o André
Malta Gosto tanto dele
que quando nos despedimos
fico de banzo com vontade
de chorar Converso com o André
toda semana e isso é tão útil
quanto entender o significado
de palavras mortas como *θεορία*
ou *κρίσις* porque elas são mães
de outras palavras e podem ser
mães do pensamento Conversar
com ele me faz tomar decisões
boas e úteis

Falamos disso à mesa do jantar
mais caro que fizemos em São Paulo
com meu marido, Angélica e André
Dias antes desse jantar
teve o lançamento dos livros
da Juliana Ramos e da
Flávia Péret na Tapera
Taperá Houve um bate-papo
com a mediação da Paloma
Vidal e elas assinaram livros
ganharam abraços Depois
fomos comer pizza no Copan
Comentei com elas a respeito
de uma foto do Jair Bolsonaro
um café da manhã ridículo
uma mesa sem forro
sem jogo americano
o celular conectado na tomada
ele mexendo no celular
uma faca enfiada no queijo
uma colher dentro da lata
de leite moça ele estava
comendo pão com leite
condensado e tomando café
Paloma, sempre tão sagaz,

comentou que havia algo
de programático na imagem
existia naquela campanha
presidencial uma valorização
do que é tosco em detrimento
do bem cuidado como se
na tosquice e no descuido
houvesse um orgulho da preguiça
de não precisar de “frescuras” que
para eles são inúteis Estou pensando
na utilidade do cuidado com meu café
da manhã Refeição que honro e
respeito diariamente

Paloma, no lançamento, fez
um elogio da coragem disse que
antes pensava que a coragem era
algo que se dizia “dos meninos”
mas agora ela dizia que Flávia e
Juliana são mulheres corajosas
que estavam lançando livros Acho
que lançar um livro é realmente
um ato de coragem quase suicida
porque a gente faz morrer um
processo de escrita e é generoso

partilhar da morte com as pessoas
porque para elas na verdade é a vida

O André sempre diz que coloco
muito de mim nas coisas
que escrevo Ele diz isso
desde 2014 Estamos em 2018
Ele insiste Escreva sobre a Laura
Personagem em terceira pessoa
mas aí é que está A Laura que eu
forjo é a Laura que eu era e a Laura
que eu me torno Decidi
escrever um longo texto sobre
o nosso encontro tão precioso
com diferenças e distâncias E sobre
a vida estudando grego
na universidade As belas amizades
o dom e o amor que ficam
entre o corriqueiro e o
extraordinário Comecei a escrever
esse texto (que chamei de
Palavra morta) em uma época
muito boa mas depois fiquei
com medo de escrever
porque coisas ruins aconteceram

e eu não queria escrever sobre elas
eu não estava pronta Tive
depressão Também fiquei pensando
no que as pessoas dizem a respeito
da escrita de si como algo narcísico
e desinteressante Uma forma de
se autocentrar e como isso
deveria ser banido da literatura
contemporânea – talvez esse
comentário seja mesmo inútil
por tentar fazer uma proibição
irrefletida Não sei

É que quando escrevi
sobre 2014 a Laura estava
prestes a começar o mestrado
que acabou não indo muito bem
Agora há aqui uma Laura que passou
por rupturas e lutos e entende
que a Laura anterior era mais
simples e mais ingênua e sente
muito carinho por ela Quero
protegê-la e conservá-la
essa compreensão é útil

Escrevi a narrativa a respeito
dessa Laura a garota impressionável
também muito obstinada o que
faz dela uma pentelha das grandes
Não acontece muita coisa
Nada além do cotidiano de viagens
escritas de maneira bonita
e detalhada – isso é um problema?
Uma história de formação A vida
acontece Mas a Laura de 2018
entende que escrever é uma maneira
de pensar para fora e talvez ela deva
continuar em algum momento o
Palavra morta depois de voltar
de São Paulo e mentir Forjar a
história de si mesma Entendo
que a mentira é algo útil

A escrita é útil Pensar em linhas
é muito útil em um tempo
em que as pessoas acreditam
e desacreditam sem pensar
um pouco Sem teoria ou crítica
sem critérios querendo apenas
criar um inimigo ou como

escreve a Flávia Acreditando
que há os bonzinhos e os
mauzinhos Isso pode cobrar
menos esforço mas não pode
ir contra a selvageria que matou
6 milhões de judeus
80 mil no genocídio em Ruanda
1 milhão de armênios mais
ou menos no Medz yeghern
e não sabemos ainda quantos
foram os mortos na ditadura
militar brasileira São mais
do que dizem ser Quanta
energia inútil foi gasta
quanto luto inútil

Toda vez que volto a São
Paulo penso na morte
Uma cidade com tantos
cemitérios Fico com vontade
de escrever sobre o que vi
e vivi também porque André
sugere isso sempre mas
principalmente porque acho
que a vida é muito bonita

por si só Penso no passado
e no futuro como duas
grandes potências
pensamento útil

Escrevo sobre quem acho
que fui Isso é outra forma
de pensar com a mão Escrever
é pensar e partilhar
o pensamento Isso é
útil e bom Então eu
entendi que não era
um romance ou qualquer
coisa do tipo Disse ao André
que *Palavra morta* é um
procedimento Talvez um dia
isso se torne um livro Mesmo
se não vir a acontecer
não será inútil Talvez
o chamemos de romance
na ficha catalográfica porque
romance acaba sendo tudo aquilo
que chamamos de romance
ou um diário em terceira pessoa
Laura fez isso Laura fez aquilo

mas não sei se menti apenas
excluí acontecimentos porque
não dá para falar de tudo
e a memória é invenção

A Carina Gonçalves, que preparou
esse poema disse que eu podia
inventar as próprias regras
para escrever Perguntou se
isso aqui é realmente um poema
e não um ensaio Ela me sugeriu
tirar toda a pontuação e usar
maiúsculas e quebras para pautar
ritmo e quis saber também
porque eu escrevi esse texto
em versos e não em prosa
e eu disse que eu estava triste
fiquei pensando picadinho
Mas ele não saiu picadinho
Carina falou que é um texto fluido
e defendeu que isso é um
poema-ensaio Eu me pergunto
se o lugar comum
considera um poema inútil
talvez por isso eu tenha escrito

em versos Ou talvez porque
está na moda escrever assim
e é gostoso escrever assim

Penso agora nas palavras
“útil” e “inútil”
que salpicam o poema
de cima a baixo e até mesmo
são uma pauta de ritmo
Penso nessas duas palavras
como erros de percurso
porque não estamos aqui
para servir para alguma coisa
para sermos úteis a algo
Não estamos aqui para
alguma coisa e esse é o nosso
grande buraco Dá aflição viver
com esse buraco do despropósito
humano perdido no universo
Nós temos medo do vazio por isso
inventamos a noção de utilidade

Aos 24 anos eu estava apaixonada
por tudo Penso afora que *Palavra
morta* diz algo sobre o assombro

Sobre a escrita sem objetivo claro
se não a própria formulação
da memória que não sei para que
serve ou que objetivo tem Talvez
escrevemos porque queremos que
algo reste dessa vida Um pensamento
uma amizade Para comunicar
com alguém que não está aqui
que não é meu coetâneo ou
simplesmente porque os gestos
da escrita e da palavra
são agradáveis Fazem bem
Mas agora vivemos um tempo
Instável De lutos e rupturas
porque perdemos muitas coisas
nesses últimos anos Entendo
agora que perder é útil

LEONARDO FRÓES é autor de 15 livros, entre os quais *Trilha, poemas 1968-2015* (Azougue, 2015), *Sibilitz* (3ª ed., Chão da Feira, 2015), *Chinês com sono* (Rocco, 2005), *Contos orientais* (Rocco, 2003), *Vertigens, obra reunida, 1969-1998* (Rocco, 1998) e *Argumentos invisíveis* (Rocco, 1996). Traduziu, entre muitos outros, livros de Virginia Woolf, William Faulkner, J.M.G. Le Clézio, Goethe, Shelley, Jonathan Swift, Malcolm Lowry, André Maurois, La Fontaine, Elizabeth Barrett Browning, Flannery O'Connor. Os três poemas aqui publicados são do livro *Chinês com sono* (2005).

LEITORA

Tão leve no seu vestido estampado,
solto e com uma alça caída.
sentada embaixo de uma árvore
em cuja sombra o sol penetra
com finas riscas langorosas,
a mulher lendo, emparedada pelo livro
que tem nas mãos,
nem demonstra sentir na pele doce
a chuva ou saraivada de insetos
que a percorre, caindo em linha reta
da árvore espaçosa, e pausa
nos seus ombros nus, nos braços
e no cabelo sedoso,
para adornar-lhe o corpo pensativo
como joias raras,
como broches vivos.

CONVIVENCIAL

Vivo entre poetas antigos,
amigos de longa data.
De alguns conheço a casa, os parentes,
as amadas e os eventuais concorrentes.
Suas fraquezas, franquezas, proezas e manias
parecem de pessoas vivendo
no dia a dia ao meu redor.
Ouço esses poetas cantando
como companheiros no bar.

Todos os sons atravessados
do planeta disperso
são ouvidos agora
no silêncio
interior.

Admirando na diversidade dos tomos
a multiplicidade de formas
que a vida assume
sem destino.

AO LER NO MUNDO FLUTUANTE

Uma inscrição na pedra à beira-rio,
tanto a água a lavou que se corroem os signos
já em si tão cifrados. Mal se consegue ler,
nesse meio flutuante, o que o escriba queria
dizer, quando a lavrou. E seria impossível
entender o sentido, porque a água adultera
todas as formas, dilui contornos, ondula
sobre a inscrição e a faz imersa e móvel.

Nunca a reflete integralmente,
nem sequer amplia algum detalhe.

Só uma coisa se evidencia: a decisão
do artesão de entalhar esta mensagem
logo ali, no terreno da ambiguidade
entre estados tão díspares, onde ninguém
jamais a conseguiria reter ou congelar.

Percebe-se o mutismo do gesto,
o silêncio que fazia em torno na hora,
as dificuldades contornadas
para escrever dentro da água, ou quase.

MARCOS SISCAR tem graduação, mestrado, doutorado e três pós-doutorados na área de Letras, sendo livre-docente em Teoria da Literatura pela Unesp – São José do Rio Preto (2005) e professor de Teoria Literária da Unicamp. Foi editor da *Revista de Letras* (Unesp) e da revista *Inimigo Rumor*. Fez parte do conselho editorial da coleção *Às de Colete* (Cosac Naify / 7Letras). É atualmente um dos editores da revista *Remate de Males* (Unicamp). Vários de seus livros foram finalistas em prêmios nacionais de poesia e crítica literária. Como poeta, foi escritor residente em La Rochelle, França, em 2005. Como pesquisador, recebeu o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico “Zeferino Vaz”, da Unicamp, em 2016. Tem formação em temas relacionados à literatura e à filosofia, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente em questões de teoria, crítica e história da poesia francesa e brasileira.

GÊNESIS

não há e nunca houve
big-bang
apenas metamorfose
tudo sempre existiu ou melhor
a transformação de tudo em tudo
do fusional ao esfuziante
turbilhão de cortes e de costura
devastação luxuriante como
as formas novas ou melhor as formas
que se reconhecem como novas
recompostas como formas
não as da origem
nem as da cesura
outra modalidade de começo
urgências de começo luxúria de começos
como de manhã às vezes um sol no vidro
um corpo ao sol e a intumescência da sombra
apenas o desejo de que comece ainda
outra vez quem
dera

SIESTA

gosto de meu lençol ensolarado
o joelho nu da minha amada roça nos pêlos da tíbia. se aloja
macio no meu peito. seu braço faz um nó na cabeleira preta
e reaparece do outro lado do travesseiro. confusa mensagem
[de boas-vindas.
meu filho dormiu no recôncavo da nossa cama e agora
assume planaltos laterais inventando as mais
difíceis posições. às vezes parece que ressona. rosto
na franha afundado na tarde vazia de sonhos de um vasto
[domingo.
enquanto isso estirado no deserto das minhas cogitações
não respondo pela crise de verso ou pelas pequenas coisas
da vida. sou um lagarto um escorpião.
o aventureiro que abrir a porta fique sabendo que ataco

AS FLORES DO MAL

Ninguém pode cortar por mim o mato do quintal. Ele invadiu o pomar, ameaça obstruir os caminhos. Digo-me que foi gerado pela força do meu silêncio ou da minha omissão. Mas de fato foi semeado pela mão que outrora o arrancou e involuntariamente semeou. Crescido forte e vigoroso, agora enche o trajeto de espanto, de amor-cego, de picão. O carrapicho, por exemplo, essa flor incisiva, nasce no centro de um círculo raiado e vai expandindo seus dedos, até entregar o bago louro de um trigo ruim. Visto de cima, ele tem a forma exata de uma íris. Pelo menos, é a forma que enxergo quando fecho os olhos. Ninguém pode cortar o mato, por mim. Nos dias de chuva, contemplo seu crescimento, sua tranquila absorção do influxo da vida, o percurso que o levará a sufocar a civilização criada em torno dele. Em dias como este, as mãos calejadas de sentido, me ajoelho e o ataco com as unhas. E no meio de ervas daninhas suas, me sujo, concentrado como um artesão, enfurecido como um filósofo, a extirpá-lo. Enquanto isso, suas sementes caem no chão limpo e a terra as acolhe, hospitaleira. Nuvens passam aos pedaços, quando me deito.

PIADA DE AUDITÓRIO

poeta declara o fim da literatura
e aproveita para autografar seus livros

(risos)

(murmúrios na sala)

- é um cadavérico poeta
- um catador de vinténs um inábil negociante?

(ao pé do ouvido)

- o poeta viciou-se com amplificadores
fechou o parque fabril e agora vive de rendas

(conclusões apocalípticas)

- o poeta previu o colapso
- se o poeta é antena da raça melhor trocar por um
para-raios!

(risos)

DO INTERESSE DO LIXO

muito do que mais gosto encontrei no lixo / ou prestes a ir
para o lixo / coisas muito manuseadas ou pouco queridas
/ colocadas na calçada para o serviço público / atiradas em
terrenos baldios perdidas / em caminhos de sítio artifícios
/ expostos em estado contingente

coisas usadas não são apenas úteis novamente / elas pedem
uma história de seu antigo emprego / uma teoria de suas
marcas / (manchas de vinho ou de café por exemplo / nas
páginas de um velho livro) / onde a coisa me compete / a
competir para que seja minha

nem tudo compete ao catador / coisas velhas em exaustão
de mundo / cores intensas de interesse improvável / nem
tudo precisa ser renomeado / aparelhos sem libido desses
/ que quedos e mudos são espelhos / muito reluzentes para
pobres trapeiros

o que foi usado não precisa / ser reciclado encadernado
como novo / o que vem do uso carece ser / ocupado reescri-
to como o primeiro livro / de um gênero curioso exposto à
fratura / em conjuntura de crise que nada finda / ou apenas
isso um desejo de mundo

MÔNICA DE AQUINO (1979) nasceu em Belo Horizonte. Publicou *Sístole* em 2005 pela editora Bem-Te-vi. Seu segundo livro de poemas, *Fundo falso* (Relicário Edições, 2018), em versão reduzida, venceu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 2013. No segundo semestre deste ano lança também pela Relicário o livro de poemas *Continuar a nascer*. Publicou cinco livros infantis, todos pela editora Miguilim: *Fio da memória*, *Muitos jeitos de contar uma história*, *Gato Escaldado*, *Cabra Cega* e *Um coelho de cartola*. Participou de antologias como *Roteiro da poesia brasileira: Anos 2000* (ed. Global) e *A extração dos dias* (Escamandro). Prepara, atualmente, seu quarto volume de poemas, série de textos em que dialoga com o trabalho de outros poetas e artistas plásticos.

O fósforo brilha por sete segundos
entre o corpo inofensivo e o incêndio
até que um sopro encerra a potência
poderia espalhar o fogo
decidir a cada risco:
acendo uma caixa inteira, teste
e controle, calculo:
já sei o tempo do fogo, fecho os olhos
cinco segundos, o sopro, sinto a fagulha
nos dedos, acendo outro, ainda de olhos fechados
o calor me fala da luz que não vejo
apenas um fósforo, abro a torneira,
a água do mundo poderia escorrer aqui
de onde vem, o que traz
a água constante, o fogo efêmero,
este duplo exercício no meio da tarde
Deus pensando novos princípios
a mesma dúvida: fogo para Sodoma,
água para o dilúvio,
a única regra comum é não olhar para trás.
Fogo para Isaac,
água para encerrar a travessia.
Seguir à deriva, caminhar para onde,
estou no apartamento, quero destruir
as cidades antigas, o que vi, os inimigos
acendo outro fósforo
deixo a torneira aberta
sonho estratégias de destruição.

PENÉLOPE URGENTE

Primeiro, desfiz a mortalha
como de hábito.

Mas a noite ainda era vasta.

Inventei, então, um presságio
há muito a destruir:

colcha, tapete, rede

este vestido de renda

a trama da cadeira

a cama

a mesa posta.

A agulha é lenta, lenta

a tesoura é lenta

a amor é lento

destruir me rouba a noite
e as estrelas.

PENÉLOPE DENTRO DA NOITE

Teço com as linhas das mãos
a cada ponto sua imagem é mais próxima
teço a mortalha que guardará gerações.

O sudário se enreda na casa, língua de musgo
sobre um barco fantasma, certa ideia de oceano
e partida.
Continuar tecendo, tecendo, até que a renda cubra o reino,
a ilha, a viagem.

Mas os olhos habitam pássaros do quarto:
de que penas é feita esta brisa em leque
que as mãos balançam no intervalo dos fios
de que penas a noite que o travesseiro guarda
de que bicos e sangue esta sombra.

Ao meu lado, o travesseiro que abrigou um homem
aguarda a aurora (dentro da noite)
como depenar esta ausência refazer um pássaro
que abandone a mentira doméstica
com as penas, recosturar a rapina
matar o cão, os seus olhos.

Sempre foi rapina esta maciez do quarto
teu travesseiro vago, eu, aprendiz de uma vingança.

PENÉLOPE SILENCIOSA

Teço uma ideia de Troia
você está na sobreposição de três fios
teço a guerra na mortalha
posso inventar outra moira
matar uma cidade ou ilha
ninguém conhece os motivos
que as mãos, agora, inventam.

O que fazem tuas mãos, Odisseu
neste duelo de formas
fantasmas sobre as minhas
incapazes de duelar com agulhas
e linhas
desafiam que labirinto as escolhas:
ganha a minha mão o homem capaz
de tecer.

Cem homens dentro do átrio
no lugar do arco, sentar-se,
em silêncio
não o movimento do braço
mas dedos, inventar uma pele
Troia é a noite
ganha a minha mão quem descobre
outra Ítaca.

Sim, ele tece uma casa
sobre a memória
infiel à volta à guerra
açula a lembrança, a espera
aproxime-se, homem que desconheço:
ganha a minha mão quem desperta
a raiva do cão.

As mãos sobre as minhas abertas
a tecer outras linhas: a moira sorri
corta um fio, amarra, ignora o tempo.
Sente-se aqui, tecelão.

PAULO HENRIQUES BRITTO nasceu no Rio de Janeiro em 1951. É tradutor e professor de tradução, literatura e criação literária da PUC-Rio, atuando na graduação e na pós-graduação. Publicou sete livros de poesia — *Liturgia da matéria* (1982), *Mínima lírica* (1989), *Trovar claro* (1997), *Macau* (2003), *Tarde* (2007), *Formas do nada* (2012) e *Nenhum mistério* (2018) — e um de contos, *Paraísos artificiais* (2004); estudos monográficos sobre as canções de Sérgio Sampaio (2009) e a poesia de Claudia Roquette-Pinto (2010); e o ensaio *A tradução literária* (2012). Traduziu mais de 110 livros, em sua maioria de ficção, mas também obras de poetas como Byron, Wallace Stevens e Elizabeth Bishop. Os poemas publicados no presente dossiê da *Em Tese* são: “*Memento*” de *Mínima lírica* (1989); “*De vulgari eloquentia*”, de *Macau* (2003); o poema inicial “Op. Cit., pp. 164-65”, de *Tarde* (2007); “*Pós*”, de *Formas do nada* (2012); e “*Spleen 2 ½*” de *Nenhum mistério* (2018).

MEMENTO

Quando te levatares do pó, ah mas você nem pode imaginar o quanto se movimentaram o tudo todos para que o vácuo então formado fosse devidamente absorvido absolvido olvidado pela existência do em volta.

A chuva naturalmente evita cair nos lugares onde você permaneceu por muito tempo.

O tempo, bem ele agora se desenvolve segundo um sentido multidirecional, quer dizer, né, de formas que aquilo que era antes – sido, pois – vem depois morder a cauda do que em vias de... sacou?

Agora, as formigas continuam mais vivas do que nunca. Ainda ontem devoraram um império.

DE VULGARI ELOQUENTIA

A realidade é coisa delicada,
de se pegar com as pontas dos dedos.

Um gesto mais brutal, e pronto: o nada.
A qualquer hora pode advir o fim.
O mais terrível de todos os medos.

Mas, felizmente, não é bem assim.
Há uma saída – falar, falar muito.
São as palavras que suportam o mundo,
não os ombros. Sem o “porquê”, o “sim”,

todos os ombros afundavam juntos.
Basta uma boca aberta (ou um rabisco
num papel) para salvar o universo.
Portanto, meus amigos, eu insisto:
falem sem parar. Mesmo sem assunto.

OP. CIT., PP. 164-65

“No poema moderno, é sempre nítida
uma tensão entre a necessidade
de exprimir-se uma subjetividade
numa personalíssima voz lírica

e, de outro lado, a consciência crítica
de um sujeito que se inventa e evade,
ao mesmo tempo ressaltando o que há de
falso em si próprio – uma postura cínica,

talvez, porém honesta, pois de boa-
fé o autor desconstrói seu artifício,
desmistifica-se para o leitor-

irmão...” Hm. Pode ser. Mas o Pessoa,
em doze heptassílabos, já disse o
mesmo – não, disse mais – muito melhor.

PÓS

Antes era mais fácil – sim, porque era
mais difícil, havia mais em jogo,
e o tempo todo se jogava à vera.
Precisamente: mais difícil, logo

mais fácil. Porque sempre se sabia
de que lado se estava – havia lados,
então. E a certeza de que algum dia
tudo teria um significado.

E nós seríamos os responsáveis
por dar nomes aos bois. Havia bois
a nomear, então. Coisas palpáveis.
Tudo teria solução depois.

Chegou o tempo de depois? Digamos
que sim. E no entanto os nomes dados
não foram, nem um só, os que sonhamos.
Talvez porque sonhássemos errado,

talvez porque, enquanto alguns se davam
ao luxo de sonhar, outros, insones,
imunes, implacáveis, se entregavam
à tarefa prosaica de dar nomes

sem antes os sonhar. E, dia feito,
agora tudo é fácil. E por isso
difícil. Não, a coisa não tem jeito.
Nem nunca teve, aliás. Desde o início.

SPLEEN 2½

Não se fazem mais lembranças
como as de antigamente.
Agora a memória apenas
acumula indiferente

o que logrou atrair
a atenção por um instante
e amarra tudo com o mesmo
indefectível barbante

e o joga numa gaveta
cronicamente emperrada,
a qual só será aberta
na hora errada.

THAIS GUIMARÃES, mineira, nascida no Ceará, publicou *Jogo de Facas* (poesia), Ed. Quixote, 2016; *Notas de Viagem* (poesia), Coleção Leve um livro, 2015; *Seis Poemas* (plaquete), Ed. Poliedro, 2012; *Jogo de Cintura* (poesia), Edições Dubolso, 1983; *Dez Pretextos para uma noite de solidão* (poesia), Ed. Gatinhos, 1983. Ganhou o *Prêmio Jabuti*, em 1988, com o livro *Bom Dia, Ana Maria* (Ed. Vigília, 1987) por Melhor Produção Editorial Infantil (1988). Os poemas da presente seleção para a *Em Tese* fazem parte do livro *Jogo de Cintura*.

EXTRAÇÃO

sem ruptura
não se alcança
a camada funda
não se perfura

palavras escavadas
em ideia fixa

sem fissura
procura versos vãos
restos arqueológicos
recolhidos na secura

extração inútil
em terra dura

TUDO ACONTECE

raios riscam a janela
nas nuvens da tempestade

um nicho de sol desaparece
sucumbe sem metáforas

à força da verdade
alicerces se desfazem

a vida imita a vida
é bagagem de mão

simulação de segurança
sem cinto de proteção

no solo do céu
plantação de ventos

tudo acontece – danos
avarias por um relâmpago

na ausência de chão
viajo na turbulência

grão perdido no nada
não estou no comando

PANE

à deriva
nem mar ou céu
por onde começar

caminho nas vagas
nas sombras
dos objetos

à vista
um lugar escuro
muro de musgo

a cada desvio
cerração ou trevas
em vias dispersas

à solta
na rédea dos dias
no leme das horas

ESCRITA DE BORDO

o céu é uma paleta aberta
mistura as tintas
em paisagens aguadas

entre o alto e a queda
sobre qualquer cidade
fronteiras descoordenadas

o espaço não é território
aqui tudo é cambiável
não há particularidades

cada corpo é uma casa
– lugar possível
para memórias –

neste século
deserto
somos todos nômades

qualquer via é caminho
o mapa não tem legendas
o voo não tem destino

ANTES DO SALTO

dor fina insistente
escorre
pelas paredes
antecede
o salto no ar
teme que cesse
antes
da queda

o estrondo
da vida

SEM TÍTULO

certas frutas
amadurecem e caem
da noite para o dia
antes de serem colhidas

frutas que não esperam
bocas
e apodrecem inteiras
dentro de si

como um poema
que se esquece
antes de ser lido

uma ideia
que perece
sem ter sido

LIMITE

não há areia macia
nenhum tapete de relva
na escolha da margem
– conchas quebradas
cascalhos e pedras –

no meio do breu
o sono é leve
olhos não se distraem
na cintilância
de estrela breve

o corpo que me prepara
que menos me fere
é aquele onde me deito:
firme cama de ferro
fino leito de pregos